



SKA, Jean-Louis. **O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele.**

São Paulo: Paulus, 2015. 163p.

ISBN: 978-85-349-4182-2

Vicente Artuso *

O autor Jean Louis Ska, professor emérito do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, é autor de várias obras na área do Antigo Testamento e também de muitos artigos em periódicos de renome. Destacamos, as obras traduzidas em português: *Introdução à Leitura do Pentateuco* (Loyola, 2003), *O canteiro do Pentateuco* (Paulinas, 2016). Trata-se de um estudioso de notória autoridade na área do Antigo Testamento, em especial do Pentateuco. Muitos exegetas do Brasil foram seus alunos no Pontifício Instituto Bíblico. Edições Paulinas nos brinda com esta obra de Ska, numa linguagem fluente e acessível aos leitores de hoje não habituados a ler e estudar a Bíblia na sua inteireza. Julgamos apresentar uma análise mais didática seguindo a estrutura do livro.

1 Por que não se lê a Bíblia?

O livro começa com uma pergunta, título do primeiro capítulo: “Por que não se lê a Bíblia?” Ska aponta dois motivos: “Não lemos a Bíblia, só lemos trechos escolhidos”. Essa leitura “antológica” precisa ser completada por uma leitura contextual (p. 13). Outro motivo é a linguagem pouco acessível aos leitores

Resenha recebida em 12 de março de 2018 e aprovada em 15 de maio de 2018.

* Doutor em Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC PR. País de origem: Brasil.
E-mail: vicentartuso@gmail.com

contemporâneos. Daí a necessidade de usar livros e autores que ajudem a compreender a Bíblia. Assim, o objetivo dessa introdução ao Antigo Testamento é “fornecer um instrumento para uma leitura inicial da Bíblia” e ajudar “na leitura crítica da Bíblia” (p. 14). Para tanto é preciso tomar distância do texto. Como um “aperitivo” o autor analisa *Juízes* 6. É uma escolha oportuna pois o texto é conhecido nos grupos da Renovação Carismática Católica. Levanta os problemas do texto e analisa, mediante leitura crítica, compara com outros textos, termina com a contextualização histórico-literária e a interpretação teológica da narrativa (p. 15-19).

2 O que é o Antigo Testamento?

O segundo capítulo também é intitulado em forma de pergunta: “O que é o Antigo Testamento”? O autor destaca que “a Bíblia é formada de textos literários”, uma “Biblioteca Nacional” formada com “os escritos fundamentais do povo de Israel” (p. 21).

Sua origem? O autor menciona fontes como “arquivos de estado”, as “crônicas” ou “anais dos reis de Israel e Judá”. Havia funcionários que conservavam documentos importantes que serviram de fontes. Menciona-se em *2Macabeus* 2,13-15, uma biblioteca fundada por Neemias (p. 23). O livro base de identidade de Israel é o livro da “lei de Moisés”, como se encontra nos livros de *Esdras* e *Neemias*. Esdras retorna da Mesopotâmia com “a lei do seu Deus, que está em suas mãos” (*Esdras* 7,14) (p.25). Em outros textos mais antigos, na reforma de Josias (*2Reis* 22-23), se fala do “livro da lei”, “livro da Aliança” (*2Reis* 23,21) descoberto no templo. Enfim Jean-Louis Ska lembra que os textos sobre “o livro da lei de Moisés” aparecem em momentos chaves da história, como Aliança do Sinai (*Êxodo* 24,3-8), penhor do sucesso de Josué e da conquista da terra (*Josué* 1,7-8), a primeira lei proclamada na terra prometida (*Josué* 8, 31-35), e se torna depois

fundamento da monarquia (*1Reis* 2,3). Esse livro é base da reconstrução da comunidade após o exílio (*Neemias* 8) (p. 26). Com brevidade o autor fala do catálogo de Livros dessa Biblioteca Nacional, a Bíblia Hebraica dividida em Lei, Profetas, Escritos, tendo o cuidado de diferenciar a lista de livros da Bíblia Hebraica e Bíblia Cristã (p. 27-28).

3 O Pentateuco: A constituição de Israel

O capítulo 3, bem desenvolvido trata do Pentateuco: A constituição de Israel. Isso se justifica, pois a história dos antepassados de Israel (p.32) fornecem uma espécie de “carteira de identidade” do Israelita. O povo se constitui sob três pontos de vista: genealógico, histórico, e jurídico (p. 33). Os autores são anônimos e a autoria mosaica é uma forma de dar autoridade ao texto. O Pentateuco, no entanto, atribui a Moisés o código da aliança (*Êxodo* 24,4), lei do deuteronomio (*Deuteronomio* 31,9), o cântico de Moisés (*Deuteronomio* 32) (p. 34). Seu objetivo é “formar a consciência de um povo”; e “criar uma consciência e um sentimento de pertença a uma única nação” (p. 35). Ska refere-se ao Exílio, interpretado pelos profetas Jeremias e Ezequiel como castigo, por causa da ruptura da Aliança do Sinai (p. 38). Era necessário “criar um fundamento sólido da aliança do Sinai”. E esse fundamento Israel encontrou nos patriarcas, especialmente em Abraão. A aliança com Abraão não se fundava na lei, mas era “incondicional e irrevogável. Ela “dependia somente da fidelidade de Deus a suas promessas” (p. 38). Deve-se assinalar que Abraão percorre todas as estradas que o povo percorreu e percorrerá em seguida como exilado. Vem da Mesopotâmia (Ur dos Caldeus), vai para Harã, como o povo também desce ao Egito, e assim é antepassado daqueles que participaram do Exodo (cf. *Gênesis* 15), e daqueles que regressam do Exílio (p. 39). (Nota: parte-se do pressuposto que a junção da história patriarcal com o êxodo, na redação final, ocorreu depois do exílio na fase da redação final do Pentateuco).

Ska se atém mais longamente nos patriarcas. Abraão também percorre os locais importantes da terra prometida: Siquém, Betel, em particular Hebron, Bersabéia, e Salém (nome de Jerusalém, segundo *Gênesis* 14). Ska arremata: “ninguém pode reivindicar ter o monopólio de Abraão” (p. 39). Ele é fundamento da fé, pois os relatos dos patriarcas estão perpassados pela promessa de um filho, promessa de terra, bênção e proteção (p. 38). Essa história dos patriarcas é melhor que seja relida à luz da reconstrução da comunidade hebraica após o exílio. Nessa época de reconstrução, Abraão se torna paradigma da existência de Israel, para refazer a história, a partir de um começo, um ancestral. Se Abraão foi peregrino, Isaac é o patriarca que “dá aos seus descendentes pleno direito a posse da terra, porque nunca a deixou” (p. 41). Ele nasce, cresce, vive e morre em Canaã. Jacó por sua vez “se assemelha ao seu avô Abraão: passa vinte anos em Harã e termina sua vida no Egito, mas será sepultado em Canaã” (p. 42). Em *Gênesis* 46,1-4, Deus faz a promessa a Jacó, que descera ao Egito e de lá voltará. No relato de sua vida encontram-se elementos que prefiguram a sorte do povo, uma nação nascida no Egito e que sairá de lá sob a liderança de Moisés (p. 43). A história de José (*Gênesis* 37-50) é comparada a um imigrante que se deu bem em terra estrangeira. A história de José espelha a história de todo hebreu da diáspora que se deu bem fora da terra prometida. A história na sua unidade mostra que o gosto pelo poder, inveja, ciúme, nem sempre triunfam. É uma das mensagens do livro. Em *Gênesis* 47, percebe-se o interesse do autor de ligar a história dos patriarcas com a escravidão do Egito.

O Êxodo por sua vez é o “mito fundante” de Israel (p. 46). Trata-se de uma experiência histórica coletiva de um povo. Pode-se dizer, ainda, que é experiência paradigmática, para os povos que lutam pela libertação. De fato, segundo Ska “a história de uma nação inicia quando ela conquista sua independência” (p. 46). Israel não é um povo de escravos, é um povo que nasceu para ser livre. A libertação aconteceu não por uma ação violenta armada, mas mediante o diálogo e persuasão de Moisés. Importante aspecto teológico é indicado pelo fato de o exército do Faraó ser vencido pelo mar e não pelos Israelitas. O Faraó não é capaz de controlar e

comandar a natureza, seu poder é limitado e não absoluto. Daí ele mesmo sofre as consequências das desgraças, “as pragas”. Esse também é o significado das pragas que ferem o Egito, inclusive a casa de Faraó. Ele não é Deus. Na peregrinação no deserto Israel experimenta vida precária, mas Deus é sempre capaz de salvar o povo (p.49).

Quanto às leis, Ska destaca o essencial: decálogo (*Êxodo 20; Deuteronômio 5*); código da aliança (*Êxodo 20,22–23,32;*) Lei da Santidade (*Levítico 17-26*) Código do Deuteronômio (*Deuteronômio 12-26*) (p. 52). São leis religiosas e civis, pois toda a vida de Israel é um serviço a Deus (p. 52). Deus de Israel é Deus do universo. Todas as leis foram proclamadas no Sinai e no Deserto, para não dizer “no exílio”. O tempo do deserto é normativo, as leis foram proclamadas fora do país, não pelo rei, mas por um profeta! Não existem leis de Davi, Leis de Salomão, mas Lei de Moisés. O estilo de Ska aqui é dialógico. Ele se coloca diante de questões para estimular os leitores à pesquisa. “Por qual motivo as leis foram proclamadas no deserto?” Segundo Ska, o motivo é o descrédito da monarquia. São leis mais pessoais e colocadas para dizer que Israel é uma verdadeira nação (p. 54). Os códigos de leis abarcam leis civis e religiosas.

Israel não deve esperar sua salvação dos líderes e poderosos. Sua salvação está na observância da lei de Moisés. E Moisés carrega um nome Egípcio, casa-se com uma estrangeira, está em relação com madianitas, morre fora da terra prometida, não é um rei, pertence ao deserto (p. 56), é um profeta¹. A história de Israel é profética (p. 57). Há nela algo que contrasta com o poder, com a monarquia.

Finalmente, Ska comenta *Gênesis 1-11*, os textos mais recentes do Pentateuco. Essas narrativas querem afirmar que o Deus dos patriarcas e do Êxodo é também Deus criador (p. 62).

¹ O autor refere-se a Moisés como líder ao conduzir o povo fora do Egito. Não se trata da figura de Moisés condutor do povo depois do Sinai. Em textos da conquista como *Números 21,31-34; 31,1-9*, Moisés aparece também como chefe de exército.

4 Os livros históricos (Os profetas anteriores) e a voz da oposição

Trata-se aqui dos profetas anteriores: *Josué*, *Juízes*, *1-2 Samuel* e *1-2 Reis*. Esses livros reassumem os principais fatos da história de Israel, do início da conquista da terra (*Josué* 1) prosseguindo até o exílio de Babilônia (*2Reis* 25). A abordagem é de um escritor do Sul, muito crítico da monarquia (p. 67). Destaca Ska que os grandes personagens da história de Israel, na tradição rabínica, não são os soberanos, os chefes, mas os profetas. Em *Eclesiástico* 46,1 Josué filho de Nun é elogiado como “valente na guerra” e depois informa sucessor de Moisés no “ofício profético”. É indicativo que esses livros sejam chamados profetas anteriores. Foram os profetas que salvaram Israel, opondo-se em muitas ocasiões à política dos reis (p. 68). O texto de *2Reis* 17,13-15 ilustra a causa da catástrofe de Israel e Judá: a falta da observância da lei, pois não ouviram o apelo de conversão dos profetas (*2Reis* 17,13). Portanto “a causa da tragédia do Exílio é de ordem ética. Israel e Judá se comportaram mal” (p. 70). A visão do texto é profética. Josué não é visto como grande general, militar, conquistador mas um fiel sucessor de Moisés obediente a lei (*Josué* 1,7-8) (p. 70). Ska arremata: “Josué se assemelha mais a um rabino, ou a um doutor da lei, do que a um conquistador”. É o que parece na abertura do livro de Josué (*Josué* 1,7-8). No discurso de despedida (*Josué* 23) Josué confia como herança ao povo a Torah e exorta: “Esforçai-vos, pois, muitíssimo para guardar e cumprir tudo o que está escrito no livro da lei de Moisés, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” (*Josué* 23,6). No final do livro, que fala da conclusão da Aliança de Siquém (*Josue* 24), Josué acrescenta as palavras da Aliança “no livro da lei de Deus” (*Josue* 24,26). Se o tempo de Josué é considerado, segundo Ska, a idade de ouro da história de Israel, isso se deve não às vitórias, mas à fidelidade à lei (p. 72-73). No livro dos *Juízes*, na passagem das gerações entre Josué e os *Juízes*, termina a idade de ouro e surge uma geração que não conhecia o Senhor, que começa a fazer o mal aos olhos do Senhor. Ska sugere a leitura de *Josué* 24,29-31 em correlação com *Juízes* 2,8-10. Constituem a moldura de *Josué* e *Juízes* e apontam para uma outra geração que vai praticar o mal aos

olhos do Senhor. As consequências da infidelidade do povo estão claras em *Juízes* 2,11-23. Há recaídas cíclicas do povo no pecado. É uma reflexão com dados posteriores que explica porque o povo sofreu a catástrofe do exílio. A causa fundamental do exílio é a atitude religiosa de Israel que se distancia de Deus para adotar outro Baal (p. 75). Ska explica: “Adotar o culto a Baal significa acolher outros comportamentos, outras políticas e outros objetivos sociais e econômicos. O que aparece especialmente em *Oséias* (p. 75).

Os livros de *Samuel*: Monarquia ou Profetismo? O autor vai mostrar como aparecem posições de apoio à monarquia, e oposição à monarquia, nem sempre fáceis de distinguir. Começa com a explicação da etimologia do nome Samuel que não tem correspondência com o verbo pedir (“*shamu*”, escutar): “Ana deu à luz um filho a quem chamou Samuel, porque disse ela, eu o pedi ao Senhor” (*1Samuel* 1,20), a explicação de Ana não corresponde. Ska explica aqui a substituição do nome Samuel por Saul. O nome Saul corresponde realmente a “pedido, desejado”. Pode-se entender que “o relato queira mostrar que o “filho” verdadeiramente desejado é Samuel e não Saul” (p. 76). A primazia estaria na profecia, representada por Samuel, e não na monarquia, representada por Saul? Ou, ao contrário, o texto estaria querendo legitimar o reinado de Saul com a explicação de que foi o filho pedido. Parece que a postura antimonárquica pode estar nessa narração. As narrativas a seguir mostram que Samuel condenará Saul duas vezes, por motivos até ridículos (cf. *1Samuel* 13,8-14 e *1Samuel* 15) (p. 79). Saul perderá o poder, mas adiante Davi, que cometeu faltas muito mais graves, não perdeu o poder (p. 79), comenta Ska. Nesse caso são textos pró-davídicos. Porém o texto antimonárquico mais claro é *1Samuel* 8,11-18, em que os anciãos de Israel pedem a Samuel um rei. A descrição do “direito do rei”, é uma feroz sátira à monarquia. Outro texto de oposição à monarquia é o apólogo de Joatão em *Juízes* 9,8-15. A história deuteronomista (*1 e 2 Reis*) vai indicar outros motivos porque os reis são condenados: “fizeram o mal aos olhos do Senhor”. Nem todos os reis de Israel ou Judá serão condenados. Alguns se salvam: Davi, Ezequias e Josias são os principais (p. 78; 82). Fica claro nessa breve análise a complexidade dos textos. Os relatos

“contrabalançam a exaltação da figura de um rei, com trechos onde aparece a voz da oposição à monarquia (p. 80).

Os livros dos reis apresentam uma crônica dos reinos do Norte e do Sul acompanhadas de um juízo se o rei fez o mal ou o bem aos olhos do Senhor, isto é, se observou a lei do Senhor. Ska apresenta *1 Reis* 2,1-4, (o texto da sucessão de Davi) que possui uma introdução semelhante ao oráculo dirigido a Josué (em *Josué* 1,7-8): “Sejas forte, seguirás a observância do Senhor” (*1 Reis* 1,2-3). É uma recomendação para observar a lei escrita. O futuro da dinastia de Davi depende da fidelidade a Deus e sua lei. Toda a atuação dos reis será avaliada à luz da observância ou não da lei do Senhor. Mas o critério do julgamento é também centralização do culto e purificação (p. 83). Pecado maior era prestar culto fora de Jerusalém, nos lugares altos. Assim Jeroboão, filho de Nadab, é julgado como alguém que fez o mal, porque construiu dois santuários, um em Dan e outro em Betel, longe de Jerusalém. Resumindo, Ska destaca três linhas de leitura: uma nomística baseada na observância da Torah, a segunda cultural porque se interessa pela centralização do culto em Jerusalém, e a terceira, profética. Os acontecimentos foram previstos pelos profetas. Ska comenta a ausência de Jeremias entre os profetas em *1* e *2 Reis*. O seu nome não aparece, por causa de sua posição filobabilonense (*Jeremias* 21,8-10.27), talvez também por causa dos ataques contra o templo (*Jeremias* 5,1-9; 7).

Enfim as coisas foram mal porque os filhos de Israel e os reis não ouviram os profetas. Ska destaca que as coisas vão muito bem quando se escuta o profeta – Roboão obedece a Semeías (*1Reis* 12,22-24); Ezequias segue o que disse Isaías (*2 Reis* 19-20) (p. 85).

Ska destaca com propriedade a ideologia nos relatos de julgamento dos reis. Em *2Reis* 14,23-29, o relato do governo de Jeroboão II (787-747) é um dos mais positivos do reino do norte (p. 86), no entanto os autores fazem um julgamento negativo: “fez o mal aos olhos do Senhor e não se afastou dos pecados, aos quais Jeroboão filho de Nadab havia arrastado Israel” (*2Reis* 14,24). Os juízos positivos

ou negativos se sobrepõem às crônicas do governo dos reis, em função das ideias condutoras, como faria Tucídides (p. 87). Nessa avaliação, ao nosso ver, é clara a rejeição do reino do Norte. Isso porque Jeroboão, filho de Nadab, primeiro rei do Norte, foi o responsável pelo cisma. Assim, aparece citado como exemplo negativo. Ao contrário, Davi, nas avaliações, é citado como exemplo positivo de um rei que não se afastou da lei do Senhor. Para concluir, Ska retoma os motivos da perda da terra e do Exílio em alguns discursos (*Josué 23; Juízes 2-3; 1Samuel 12, 1Reis 8; 2Reis 7*). Essa retomada dá ao leitor do livro mais clareza da ideia chave que perpassa a história dos reis de Israel e Judá: os motivos do julgamento negativo dos reis são também motivos que causaram a desgraça do exílio de Babilônia. Segundo Ska, aqui o juízo é feito diante do prejuízo que significou o exílio (p. 84), ou seja “a história é lida com o sentido dado posteriormente” (p. 84).

5 Os profetas escritores: jornalistas, editorialistas e opinadores da época

Se os profetas anteriores se ocupam do passado, os profetas escritores perscrutam o presente “a atualidade”. Este capítulo avalia o longo período desses profetas. Uma síntese da missão deles se encontra às páginas 91-92. Na rápida retomada da missão dos profetas, é estranha a síntese da missão de *Miqueias*: “defensor dos interesses dos grandes proprietários agrícolas da Judéia contra a capital Jerusalém” (p. 91). O leitor de *Miqueias*, em especial *Miqueias 2-3*, concluirá que o profeta denuncia o pecado dos grandes! Ska parece ignorar a crítica dura de *Miqueias* e suas denúncias contra a exploração dos pobres (*Miqueias 2,1-5; 3,1-4*). O profeta aparece como defensor do povo de Deus. “Meu povo” (*Miqueias 2,4*) inclui os pequenos e fracos, “o resto de Israel a ser congregado” (*Miqueias 2,12*). Curiosamente, Ska nada comenta da atuação de *Miqueias* em defesa da justiça e solidariedade (p. 100-106). Porém, arremata com propriedade sobre *Amós*, considerado “o profeta que encontrou imagens mais fortes para a solidariedade na defesa dos mais fracos contra seus opressores” (*Amós 8,4-8*) (p. 103).

Há certa insistência, com alguma fundamentação, de que os profetas em geral pertenciam à aristocracia, ou à classe dirigente, abastada (p. 92; 93; 100; 101), e não se fala dos profetas anônimos, os filhos dos profetas, da condição dos profetas menores e profetisas. O profetismo extrapola os círculos oficiais (*Números* 11, sobre os setenta anciãos; *Números* 22-23, narrativa sobre Balaão, filho de Beor). Certo é que o discurso da defesa das pessoas fracas, dos pobres, estrangeiros, órfãos e viúvas também existia em escritos do Oriente Próximo. Diz o autor “é um lugar comum da propaganda régia do Antigo Oriente próximo”. Isso aparece, no *Salmo* 72,12-14, que é uma oração para o rei ideal.

6 Os livros sapienciais e os “Gurus” de Israel

O capítulo VI trata dos livros sapienciais, com mais brevidade. O autor denomina os sábios autores dos livros sapienciais como os gurus de Israel. Os gurus “são os mestres do pensamento, os filósofos, os pensadores, os intelectuais do tempo bíblico” (p. 113). Eles refletem sobre os grandes problemas da vida. Ska quer tratar de alguns aspectos da literatura sapiencial.

Os provérbios são utilizados para circunstâncias específicas, são como petiscos de sabedoria a ser degustados como aperitivos na busca da sabedoria. Alguns tem formulação enigmática para provocar a reflexão como *Provérbios* 30,10-20 (p. 114).

O livro de Jó, no prólogo, apresenta a personagem central como modelo de paciência (*Jó* 1,21). Entretanto, na parte poética (*Jó* 3), Jó maldiz o dia do nascimento. Tenta se justificar. No final recebe uma resposta de Deus (*Jó* 38-41). Deus inicia um longo relato da criação e o discurso de Deus destaca a distância entre criador e criatura. Deus quis afirmar sua onipotência indiscutível (p. 117). O aspecto importante é que Deus responde a Jó e não se dirige aos amigos que tentavam justificar o sofrimento de Jó como castigo de seus pecados. Quando Jó luta com seus problemas, Deus luta contra o caos e se mostra soberano. Não parece

que o enigma foi resolvido, porém Jó mudou o olhar, seus paradigmas, e reconhece que Deus está com ele. Sei que meu redentor vive! (*Jó* 19).

Chelet é o cético. Tudo o que foi trágico em *Jó*, como o sofrimento e a brevidade da vida (*Jó* 7,1-4), é tratado com mais destaque em Chelet. A vida é fugaz, tudo é vaidade (*Eclesiastes* 2,22-23). Ele é anticonformista. “Enquanto alguém está vivo existe esperança, porque é melhor um cão vivo do que um leão morto” (*Eclesiastes* 9,4) (p. 120).

No *Eclesiástico* encontramos um belo resumo da fé, do saber. Aí podemos encontrar um manual de boa educação. Mas em geral o livro trata de todos os temas, sobre os quais se poderia conversar: esmola, matrimônio, mulheres, culto sacrifício, escribas, avareza, leitura da lei, Deus, liberdade, morte, natureza. Texto de destaque é *Eclesiástico* 32,1-13, que fala do comportamento social nos banquetes.

O livro da Sabedoria foi escrito em grego, pouco tempo antes do início da era cristã. Conforme Ska, trata-se de um livro que reformula a fé dos antepassados em nova linguagem. Ele desenvolve seus temas usando associações e contrastes (p. 123). Digno de nota são os midrash do *Genesis* que encontramos em *Sabedoria* 10; e sobretudo um longo midrash do *Êxodo* (em *Sabedoria* 10 a 19), que atualiza os relatos para o seu contexto.

7 As últimas estantes da Biblioteca Nacional de Israel

O capítulo VII se ocupa das últimas estantes de livros dessa biblioteca: *Salmos* (com tratado um pouco mais desenvolvido), *Lamentações*, *Baruch*, *Carta de Jeremias*, *Crônicas*, *Esdras*, *Neemias*, *1 e 2 Macabeus*, *Daniel*.

Os *Salmos* são composições para diversas ocasiões litúrgicas (p. 127). O autor, depois de explicar a divisão clássica do saltério em cinco partes (p. 127) destaca as coleções mais utilizadas: o pequeno Hallel (*Salmos* 113-118) e o grande

Hallel (Salmos 119--136). Parte deles eram cantados festa da Páscoa. Um hallel (louva) provavelmente foi cantado por Jesus e os discípulos como lembra o texto de *Marcos 14,26* (*Salmos 146-150*). Os salmos são expressão dos sentimentos e dos momentos de vida do fiel (alegria, confiança, angústia, doença, perigo, culpa pelo pecado). Muitos deles são compostos para celebrar eventos públicos: entronização do rei (*Salmo 110*), festa litúrgica (*Salmo 81*) matrimônio (*Salmo 45*). Outros salmos também expressam sentimentos coletivos. A falta no saltério dos dados da história da salvação, assim como se encontra no Pentateuco, explica a necessidade de ligar os salmos à Torah (p. 133). O *Salmo 1* que é uma meditação do justo sobre a Torah tem essa função. O paralelo entre *Josué 1,7-8* (colocado no início dos profetas anteriores) com *Salmo 1,2-3* (colocado na abertura dos Escritos) mostra a intensão dos autores de subordinar à Torah todos os livros inspirados. Nesse sentido segundo Ska, o *Salmo 1*, no início do livro, era necessário para integrar o livro das orações de Israel na biblioteca nacional (p. 134). Assim os *Salmos* são a história da salvação cantada, como aparece em alguns deles (*Salmos 78; 105-106*).

Outro livro é *Lamentações*, atribuído a Jeremias. O livro “possui o gênero de lamento fúnebre por uma pessoa querida” (p. 134). Ska cita *Jeremias 4,19-21* e *8,21-23*; são textos que retratam a situação, quando o exército babilônico estava às portas de Jerusalém. Basta compará-los com *Lamentações 1,16; 2,18; 3,48-51*. Nessa linha, o livro de *Baruc* e a *Carta de Jeremias* são próximos de *Lamentações*. O profeta se dirige aos que estão partindo para Babilônia e os exorta a não ceder à tentação de idolatria. O tom é de um pai temeroso que escreve aos seus filhos que vivem na diáspora. Que evitem os perigos (p. 138).

Os dois livros de *Crônicas*, *Esdras*, *Neemias* e os dois livros de *Macabeus* são suplementos à história de Israel (p. 139). Eles são tratados como livros históricos. Os dois livros de *Crônicas* têm um tom litúrgico. No contexto do pós-exílio, Davi e Salomão por exemplo são apresentados como organizadores do culto. Trata-se de uma história edificante para a comunidade na diáspora. Salomão e Davi são idealizados. Evitam-se os fatos deploráveis, como o golpe dado por Salomão, os

conflitos de Davi com Saul, etc. (p. 140). *Crônicas* introduz muitos discursos, pronunciados pelos reis e profetas. O conteúdo desses discursos mostra a intenção dos autores. O interesse parece ser o fortalecimento da comunidade da diáspora, em torno do templo, do culto e do ministério dos levitas. *2Crônicas* termina com o Edito de Ciro, e apelo aos judeus da diáspora a subir a Jerusalém (*2 Crônicas* 36,23). Em *Crônicas* prevalecem as tradições ligadas a Jerusalém e seu templo.

Esdras e *Neemias* são a confirmação de *Crônicas* (observa Ska) porque iniciam com o Edito de Ciro que concluiu *2 Crônicas* (*2Crônicas* 36,23; *Esdras* 1,1-4). Esses livros descrevem o retorno dos Exilados e sua dificuldade de reconstruir Jerusalém (p.143). Ska destaca a continuidade entre o livro escrito por Moisés (a Torah) com o livro descoberto no templo por Josias (*2 Reis* 22-23) e aquele lido por Esdras diante do povo (*Neemias* 8) depois da reconstrução da cidade. O livro cria o nexos entre o tempo fundante do deserto (Sinai e Aliança, em *Êxodo* 24,3-8), a monarquia pré-exílica, e a comunidade pós exílica de Jerusalém. Ska ainda destaca que a Torah é o mesmo livro nas mãos de Josué (*Josué* 1,7-8) e aquele do justo do *Salmo* 1. A intenção é afirmar a identidade de Israel ligada de modo privilegiado à Torah (p.145). Do ponto de vista estilístico, Ska observa que os protagonistas em *Esdras* e *Neemias* se expressam em primeira pessoa (*Esdras* 7,27-9,15; *Neemias* 1-7; 10; 12,31; 13,6-31). Isso não ocorre nos outros livros históricos. O motivo, na visão de Ska, é que “*Esdras* e *Neemias* são personagens investidos de uma missão oficial a mandato do rei da Pérsia (*Esdras* 7,11; *Neemias* 2,7-8). Não são simples cronistas ou escribas da corte. São figuras revestidas de autoridade” (p. 147).

Os dois livros dos *Macabeus* narram os feitos dos heróis da resistência em Israel contra o helenismo. São situados por volta de 200-142 a.C. Trata-se de uma “epopeia da resistência contra a potência militar, mas acima de tudo da luta para defender a própria fé e a própria cultura (p. 148). Relatam histórias semelhantes às aquelas de santas resistências a ocupação do próprio país (p. 149). Para o *Primeiro Macabeus*, o ponto de partida da revolta foi a tentativa de Antíoco IV Epífanos

(175-164 a.C.) de introduzir o culto dos deuses gregos em Jerusalém (*1 Macabeus* 1,41-64). O *Segundo Macabeus* insiste no problema cultural dando importância a cultura helenística sob o sumo-sacerdote Jasão (*2 Macabeus* 4,7-20). A teologia de *2 Macabeus* é muito próxima do Novo Testamento: criação do nada (*2 Macabeus* 7,28), a ressurreição dos justos (*2 Macabeus* 7), orações pelos defuntos (*2 Macabeus* 12). Temos ainda uma descrição muito positiva do martírio em *2 Macabeus* 7 (p. 153).

As novelas da Biblioteca de Israel: *Rute*, *Ester*, *Tobias* e *Judite* e até mesmo *Jonas* são do gênero “*short story*” novela. Em relação aos assuntos tratados, não são escritos de valor histórico. Só o quadro narrativo apresenta alguns elementos como nomes de reis ou de cidades, o resto é ficção diz Ska (p. 157). Alguns exemplos de incoerências mostram que os autores não estavam interessados em fazer história, tal como entendemos. No livro de *Judite*, Nabucodonosor era rei da Babilônia e não de Ninive como menciona o livro. Holofernes e o eunuco Bagoas são personagens persas e não babilônios. No livro de *Tobias*, não foi Salmanassar V (726-722 a.C.) a deportar a tribo de Neftali (*Tobias* 1,2) e sim Teglat-Falassar III. O sucessor de Salmanassar V foi Sargon II (722-705 a.C.) e não Senaquerib (705-681 a.C.), como afirma *Tobias* 1,15.

Rute é a Moabita pobre, viúva, estrangeira que encontra marido judeu, Booz. Ele se casa para dar um filho a sua sogra. Assim cumpre o direito de resgate da família de Noemi que ficara sem marido e sem os filhos, que morreram em Moab e sem propriedade. Booz é o judeu generoso que aceita resgatar essa família e casar-se com Rute. Ela fará parte do povo, e aparecerá na genealogia no final do livro, como bisavó de Davi.

Ester, de simples jovem judia, torna-se rainha da Pérsia. Ester e Mardoqueu descobrem um complô do império persa contra os judeus. O enredo ganha dramaticidade com esses conflitos.

Tobias também é uma história da diáspora. Os problemas são velhice, herança, matrimônio, longas viagens. Vemos um enredo que mostra as virtudes dos judeus piedosos da diáspora. Eles resistem com ajuda providente de Deus. O anjo Rafael personifica o autor que sabe tudo, ele revela sua identidade aos personagens no fim da viagem.

O livro de *Judite* é um relato épico de uma mulher destemida que consegue libertar sua cidade, seduzindo o comandante do exército inimigo. A comunidade judaica na diáspora sobrevive aos perigos com astúcia e inteligência.

O livro de *Jonas* revela que os estrangeiros também podem ser salvos pela misericórdia de Deus, não apenas os judeus. A pergunta de Deus no fim da história – “Eu não deveria ter piedade dos milhares de habitantes de Ninive? – fica sem resposta, cabe ao leitor tomar para si a pergunta e refletir.

As histórias de *Rute* e *Jonas* mostram abertura em relação aos estrangeiros. Em contraste, *Ester* e *Judite* falam de inimigos estrangeiros que ameaçam o povo. (p. 158).

O livro de *Daniel* é o único texto apocalíptico que entrou no cânon dos livros sagrados do Antigo Testamento. É um gênero que nasce de situação de desespero (p. 159). Na linha de *Macabeus*, em *Daniel* os judeus buscam salvaguardar ao máximo sua cultura e sua língua, diante da ameaça do helenismo (p. 159).

O *Cântico dos Cânticos* é poesia amorosa de Israel. Ska apresenta as várias correntes de interpretação, alegórica, cultural, mitológica, naturalista. Parece melhor ver simplesmente “um cântico de amor”. O cântico não fala de casamento ou filhos. O poema trata de um amor honesto no qual a questão central é a fidelidade (p. 161). Um cântico profano e não religioso que depois foi utilizado e interpretado como alegoria do Amor de Deus por seu povo. Deus é o amado e Israel é a amada. Essa interpretação alegórica até ajudou a aceitação do cântico no cânon judaico.

Concluindo: apreciação

Enfim – para usar da linguagem do autor, quando fala do “petisco” dos Provérbios –, o livro de Ska é um bom petisco e aperitivo para despertar o interesse na leitura do Antigo Testamento. Nota-se em todos os capítulos a preocupação de explicar os principais problemas de composição do texto final, suas fontes, inserção no cânon (p. *Bíblia Judaica e Bíblia Cristã*, p. 27-28; *Cronologia de Esdras e Neemias*, p. 147; *Problemas históricos e literários dos livros de Macabeus*, p. 151). Principalmente, o livro mostra o fio condutor da fidelidade à Torah, como tema que perpassa o Pentateuco, e a posse da terra como tema dos profetas anteriores.

O autor é criativo e dialógico ao iniciar seus capítulos com perguntas: Por que não se lê a Bíblia? O que é o Antigo Testamento? (cap. I e II). Já no início aponta caminhos de interpretação ao comentar *Josué 6* (a conquista de Jericó), um texto conhecido pelo título, mas de difícil interpretação. Ska nos motiva a ler os livros bíblicos na sua inteireza e na sua unidade. O conteúdo de um livro bíblico é melhor compreendido quando se leva em consideração a unidade da Escritura. A abordagem canônica e o método narrativo requerem uma leitura integral para a compreensão de sua mensagem. Não basta ler textos isolados ou perícopes, é preciso ler livros. E o paralelo com outras literaturas do antigo oriente e do mundo grego ajuda a entender a história que por si mesma ensina.